



O MITO DO CABURÉ E DO GAVIÃO E A REGRA DA DIFERENÇA

Tomás Gomes Cardoso¹

Fabiano José Alves de Souza²

Resumo: O artigo apresenta e dialoga com o mito do Caburé e do Gavião, pertencente ao povo indígena Pataxó, buscando compreender, em especial, o que o presente mito elucida sobre a relação entre o Povo Pataxó e seus outros, bem como o que ele diz a respeito da natureza do índio e do branco. Para alcançar este fim, faz-se uso de noções teóricas e metodológicas sobre pensamento mítico, cosmologia e organização social.

Palavras-chave: Pataxó; cosmologia; caburé; gavião.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o intuito de apresentar e dialogar, ainda que de forma balbuciante, sobre um instigante mito dos índios Pataxó que diz respeito aos pássaros Caburé e Gavião. Através de sua interpretação, buscamos entender uma faceta da visão de mundo desse povo indígena e como isso repercute em suas relações com os outros.

Segundo Souza (2015), a maioria dos Pataxó em Minas Gerais vive em pequenas aldeias situadas em pacatas cidades, totalizando uma população de 432 habitantes, distribuída em sete aldeias e organizada em 14 grupos de famílias, abrangendo 97 famílias (grupos domésticos). Atualmente esses grupos de famílias encontram-se dispersos, no entanto, todos possuem uma raiz comum em Minas Gerais: o extinto RIN (Reformatório Indígena), situado na cidade de Carmésia (MG). No município de Carmésia, encontra-se a Reserva Indígena Fazenda Guarani, onde se situam as aldeias Sede, Imbiruçu e Retirinho; no município de Araçuaí, encontra-se a aldeia Cinta Vermelha-Jundiba; no município de Itapeçerica, encontra-

¹ Acadêmico do 3º. Período do curso de Ciências Sociais da Unimontes. E-mail: tomaz_gomesc@hotmail.com; Fone: 38 32141578.

² Prof. do curso de Ciências Sociais da Unimontes, com formação em antropologia social. E-mail: fabylo@yahoo.com.br; Fone: 38 32236080.

se a aldeia Muã Mimatxi; no município de Açucena, encontra-se a aldeia Jeru Tucunã; e, por fim, no município de Guanhães, encontra-se a recente aldeia do Seu Zuza.

O mito do Caburé e do Gavião faz parte da cultura do povo Pataxó e nele há uma grande carga de conhecimento e interpretações nativas do mundo a sua volta. Distintas versões do mito são encontradas em quase todas as aldeias em Minas Gerais, o que revela sua importância para o grupo, pois conforme nos esclarece Lévi-Strauss “uma invenção individual por si só, não constitui um mito. Para que se transforme em mito, é preciso que, transmutada por uma alquimia secreta, tenha sido assimilada pelo grupo social porque respondia às suas necessidades intelectuais e morais” (1990:180). A versão reproduzida abaixo apresenta o mérito de ser uma das mais densas e com uma ampla riqueza de detalhes descritivos. Em função dos propósitos específicos deste artigo, não faremos aqui menção sobre as outras versões do mesmo mito.

De um modo geral, por meio da comparação e análise dos mitos, pode-se observar um modo de vida análogo ou completamente distinto nas sociedades ou grupos em que esses mitos são provenientes. Assim, notamos que há diferentes formas de pensar o mundo ao seu redor instituindo-se assim em cosmologias ímpares. Nesta compreensão notam-se as peculiaridades do convívio social e como estabelecem relações entre si, com a natureza e com o diferente.

O pensamento mítico representa uma via de acesso à cosmologia e tem um papel fundamental em sua composição, sobretudo quando esta é conceituada como um conjunto de teorias e experiências sobre a natureza do universo e da relação entre os seres. A cosmologia constitui-se como uma estrutura e uma organização que cada povo ou sociedade formula e afirma sobre a ordem e a sustentação do mundo. Esse ordenamento cosmológico direciona a práxis social a um *ethos* que mantém e regula as relações entre os indivíduos, configurando em uma forma peculiar de organização social. O modo de vida de cada indivíduo perante a si mesmo, à sociedade e sua organização, não é indiferente à forma pela qual o pensamento cosmológico concebe o mundo, as coisas e as pessoas. Neste sentido, vale ressaltar que não concebemos aqui os mitos como histórias fantasiosas de deuses, heróis e outras criaturas. Nossa percepção do mito segue uma orientação apresentada por Perrone-Moisés. Conforme esta autora, os mitos, longe de serem histórias irracionais e absurdas, “são experiências do

pensamento sobre o cosmo e a condição humana, em todos os seus aspectos. Tanto podem explicar por que as coisas são como são como explorar o que poderiam ter sido" (PERRONE-MOISÉS, 2006:244).

A nossa visada do pensamento mítico, portanto, não o concebe como uma forma arcaica de pensamento, mas sim como uma forma ímpar de pensar e experimentar o mundo. O mito toma uma forma abstrata para dar uma estrutura mais sintética para que não se dissipe e suma no tempo (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 24). Embora tomem características abstratas, as reflexões feitas a partir do mundo ao redor não se tornam menos reais. Afinal, esclarece-nos Lévi-Strauss que o mito deve ser concebido como leituras da realidade social, como reflexões, e não um mero reflexo acerca do real, do cotidiano, do vivido, constituindo assim em uma cosmologia de determinada sociedade ou grupo social. Para Perrone-Moisés, “pensar o mito como reflexão, e não reflexo, permite pensar que o mito é, justamente, um modo de pensar a sociedade em outros termos, de pensar acerca dela [a sociedade], explorando possibilidades alternativas (2006:244).

Por fim, vale destacar um princípio ou regra que está na base dos mitos ameríndios. Trata-se da escolha pela diferença. Ainda segundo Perrone-Moisés, a diferença “é a mola mestra de tudo quanto no mundo existe” (2006:249). Em outros termos, significa dizer que “são as relações entre diferenças que fazem o cosmo, a vida, a condição humana” (2006:251). Em conformidade com esta regra, pode-se afirmar que a igualdade é, por excelência, estéril, improdutiva. Nada existiria não fosse a diferença ainda que em um grau mínimo. Em suma, sem as diferenças o mundo seria impraticável, seria inerte e morto, pois, como esclarece Perrone-Moisés, é a distância entre os opostos, seu potencial de diferença, que constitui o mundo (2006:254). Não é por acaso que a ocorrência de gêmeos em muitas cosmologias ameríndias ganha intensos exercícios de pensamentos.

Feita estas sucintas considerações teóricas, buscamos aproximar, de forma tateante, do mito já citado, pois, como nos ensina o mestre francês, a marca distintiva do mito é pensar o problema, sempre “como homólogo a outros problemas que surgem em outros planos: cosmológico, físico, moral, jurídico, social, etc., E analisar tudo em conjunto” (LÉVI-STRAUSS, 1990:179), daí que um mito emprega vários códigos (culinário, sexual, astronômico, corporal) simultaneamente em sua reflexão. Neste sentido, nos propusemos a analisar o mito do Caburé e do Gavião destacando a diferença e o conflito entre o pássaro Caburé e o Gavião, buscando desvelar as concepções da relação entre os Pataxó e o homem branco e da natureza de ambos.

DO CABURÉ E DO GAVIÃO

Os Pataxó narram que desde o começo do mundo é conhecida a relação pouco amistosa entre os pássaros Caburé e o Gavião. A pessoa do Caburé é caracterizada pela sua prudência e por um modo ensimesmado de ser; o Gavião pela sua ganância e ambição, ações que põem em perigo, sob fortes ameaças, a preservação do povo. A narrativa sobre o Gavião remete às implicações do “comer quente”. Entre os vários grupos familiares que constituem os pássaros, observa-se que o grupo familiar dos gaviões, do qual também fazem parte outras aves de rapina, revela uma condição orgulhosa, além de determinadas características que o distingue dos demais grupos familiares. A reflexão Pataxó sobre os Gaviões destaca sua atitude predadora, a começar pelo seu vôo, considerado traiçoeiro e perigoso. Quando têm a mira de suas presas, nunca perdem a oportunidade. Além disso, os gaviões, por causa de sua ambição, vivem em qualquer lugar, sempre atrás de suas presas. Outro ponto que merece ser ressaltado é que os gaviões gostam de comer com pressa, pois, assim que agarram suas presas, matam-nas e comem-nas cruas. São sempre cruéis e implacáveis. Dada a importância do mito para os objetivos deste artigo, será reproduzido, abaixo, um diálogo travado com Kanátyo (Aldeia Muã Mimatxi). O diálogo transcrito a seguir ocorreu em dezembro de 2011.

Fabiano: - Eu queria que você me contasse essa história. [...] do gavião, com o caburé.[...] Essa história é do começo do mundo? [...] Quando os bichos falavam?

K: É, é porque os seres humanos, eles já foram bicho né, no tempo passado, no tempo que não tinha gente como nós né, então, todo mundo era gente de uma outra forma, gente bicho. Então eles, além do mais, um virava outro bicho. Então assim, no tempo que os bichos eram gente, tinha um caburé que andava ensinando. Ele tinha um jovem filho que ele andava ensinando ele a trabalhar na natureza, a coletar, ensinando os segredos da natureza, a ciência toda da natureza. O conhecimento que ele tinha tava passando para o filho dele, então ele tava nesse campo de visão, de vida. Ele estava trabalhando isso aí com o filho dele. Aí então, quando ele tava andando num desses dias que ele estava viajando, ensinando o filho dele, ele estava ensinando o filho dele a olhar e a enxergar as coisas. Então aí, ensinando também o canto dele, do caburé. Ele falou: - *Ôh meu filho quando você cantar você tem que cantar assim [som do caburé cantando] e com os olhos arregalados, com os olhos arregalados assim.* E ele tem quatro olhos, ele tem dois de pena e dois mesmo assim que enxerga. Então esses de pena é para atrair o inimigo e afastar ele, pensando que tava olhando para ele, então é, entendeu, atrair o inimigo para poder espantar: - *Não ele tá acordado, ele está negoçado.* [Uma suposta fala de um predador]. Mentira que era o de pena. Se ele estiver dormindo o olhinho de pena dele fica acordado. Então aí ele chegou. Ele tava ali. Com pouco, um branco falou assim:

- *Tem um caburé, eu vou comer aquele caburé. Eu vou virar um gavião.* Para comer o outro tinha que virar bicho né, para poder comer né. Então ele virou um gavião né, e foi e falou:

- *Ôh amigo caburé.*

- *Ôh amigo gavião.*

- *Nossa, eu to vendo aí.* Nessa hora que ele chegou, o caburezinho jovem pequitito entrou e ficou lá no meio da moita. Deixou o pai dele conversando com o gavião.

- *Ôh meu compadre, você canta bonito demais, como você tem esse canto tão lindo assim rapaz? Eu gostaria que você cantasse, mas só que você tem que aprender*

cantar, mas cantar com o olho fechado, o senhor canta de olho aberto!!! [Rizadas]. *Então canta aí.* [som caburé cantando]. E o olhinho dele estava arregaladinho. - *Pois é, é uma questão que o senhor quando cantar tem que cantar de olhos fechados rapaz.* Aí, o caburé com muita experiência continuou cantando. Aí o gavião disse: - *Agora o senhor cantou de olhos abertos, canta de olhos fechado para o senhor ver.* Aí ele chegou cantou [som caburé cantando]. Na hora que ele [o caburé] fechou o olho o gavião passou a mão nele e saiu voando e levou ele, foi embora, eliminou ele. Aí o jovem caburé de cá disse:

- *E rapaz, comeu meu pai, puxa vida.* Ele ficou sozinho no mundo, ficou andando mas ele já tinha aprendido muita coisa com o seu pai. Aí ele começou a viver, por ali, sempre vivendo no espaço dele ali, quando passou muito tempo, um belo dia, ele viu de novo, o gavião veio em forma de gavião comer o caburé. E disse,

- *Oh amigo caburé. Nossa heim, você canta bonito né.*

- *É, eu canto.*

- *Rapaz, mas você canta! Quando você cantar tem que cantar de olhos fechados, porque esse negócio de olhos abertos fica muito esquisito, não dá para cantar direito, tem que cantar bem, tem que cantar de olhos fechados.*

- *É, é verdade, tem que cantar de olhos fechados.* Aí chegou, ele [o gavião] disse:

- *Quer ver, canta aí para o senhor ver. Canta de olhos abertos e olhos fechados.* Aí chegou, ele cantou [Sons caburé cantando]. Aí ele falou: - *Agora canta de olhos fechados.* Aí ele cantou de novo. Virou assim e falou [som caburé cantando]. Aí o gavião partiu para cima dele, aí ele vira ali, desvira ali e o gavião com avanço para pegar ele, e lá vai ele lutando. Aí tinha uma moita assim, cheia de espinho, desses espinhos grandes, grandão né, aí ele veio.

- *Vou dá um grito nele* [disse o caburé]. Quando ele veio foi assim na moita e entrou na moita, pois ele é piquitinho, né, o caburé é piquitinho, e o gavião chapou o peitão dele nos espinhos, cravou os espinhos nele.

- *É amigo caburé, rapaz, eu me encravei nos espinhos aqui. Vem me tirar amigo caburé.*

- *Ah eu não posso tirar você não, como eu vou tirar você se você quer me comer? Você vai ficar aí agora, porque não tem como eu ter mais confiança em você.*

- *Não amigo caburé, nós vamos ser amigos, eu estava brincando com você. Eu não posso fazer isso com você não.*

- *Não, eu não posso tirar você daí, tem ficar ai.* Aí ele ficou lá, todo arregaçado, com espinho atravessado nele e ele ali ficou sofrendo ali. Com pouco lá vêm um Urubusão. Chegou, olhou lá e viu ele lá no espinzeiro, aí ele desceu baixinho.

- *Ôh amigo urubu, rapaz eu estou precisando de uma ajuda sua, nós somos amigos e eu vou querer que você me tira desses espinhos. Eu dando umas voltas aqui no meio dos espinhos, eu cravei nos espinhos aqui, quero que você tira eu.*

- *Não, deixa você esfriar que depois que você esfriar eu tiro.* Aí ele [o Urubusão] subiu de novo, de vez em quando ele vinha o gavião falava:

- *Ôh amigo urubu, tira eu daqui.*

- *Não, não posso tirar você, só quando você esfriar.* Aí, viajava de novo. Daí até quando ele voltou, olhou. Ele já não se mexia mais, ele tava morto. Ele falou:

- *É, agora já dá para tirar ele dali.* Daí, deixou ele ficar mais um pouco, mais assim, mais, bem mais morta a carne e tirou o bicho e comeu ele.

O mito do Caburé e do Gavião, em boa medida, ilustra bem um princípio bastante comum nas cosmologias indígenas que floresceram nas Américas. Como já apontado, trata-se do princípio “de ver e pensar o cosmo e a condição humana, fundado na ideia da diferença, marcado por uma “abertura para o Outro” (PERRONE-MOISÉS, 2006: 241). Neste sentido, o mito pode ser concebido como uma filosofia, ou como escreve Lévi-Strauss(1990), um “exercício do pensamento” (1990: 183).

A trama do mito destaca uma relação conflituosa, marcada pela predação, entre os brancos (o gavião) e os índios (o caburé), desenvolvida durante toda a extensão da narrativa. Se por um lado, os quatro olhos, dois de verdade, dois de pena, são os índices que destacam os Pataxó (como caburés), sempre com olhos arregalados, atentos e ativos; por outro, a índole predadora, a ganância, a ambição do gavião, através de seu bico duro atrás das presas, comendo-as ligeiramente e de qualquer jeito, revelam a natureza dos brancos, isto é, uma natureza desfigurada. O mito desvela uma forte diferença entre os modos de vida Pataxó e dos brancos, no entanto, apesar da ausência dos “bons modos” do Gavião, ainda assim, observa-se uma longa trajetória histórica de relações entre ambos.

Na qualidade de uma filosofia, a reflexão oportunizada pelo mito descortina uma instigante percepção da natureza dos não índios. Por conseguinte, se atentarmos aos rigores do pensamento indígena, a imagem que se constitui no espelho desta reflexão revela-nos como seres desfigurados, gananciosos, feios, cruéis mesmo, pondo em questão a nossa condição humana.

Esse tipo de relação entre humanos e animais/monstros é notada em vários mitos de diferentes sociedades. Apoiando-se na noção de que a terra da mitologia é redonda, o mito do Caburé e do Gavião, lembra, de longe, um fenômeno muito abordado na mitologia grega, em que se observam várias histórias de criaturas metade homem e metade animal como o sátiro, o centauro, o minotauro, a sereia, a harpia, entre outros.

Em um âmbito voltado para o cunho da moral, o fabulista grego Esopo, nascido na região da Trácia por volta do século VI a.C., escrevia um gênero literário onde personagens eram animais falantes com fortes personalidades. Muitas vezes, os personagens animais eram relacionados implicitamente ao comportamento humano, levando a uma reflexão sobre a moral do comportamento humano. Em dias atuais, usamos essas histórias de Esopo para as crianças, ensinando-as lições valiosas, o que revela a importância dos mitos para entendermos os dilemas da nossa condição humana e do mundo envolvente.

Retomando aos personagens do mito, nota-se o papel de cada elemento na cosmologia Pataxó. Vemos a característica sábia do Caburé, representada simbolicamente pela figura do pai Caburé. Se olharmos a etimologia do nome científico do pássaro caburé (*Glaucidium brasilianum*), o significado do grego remete ao termo "pequena coruja do Brasil", levando ao significado simbólico do Caburé à sabedoria da coruja. O ato do pai Caburé ensinar o filho as coisas da natureza mostra a sabedoria do povo Pataxó, também dizendo respeito à forma de como o conhecimento é formulado e produzido nessa sociedade.

No intuito de entender à natureza do Gavião, retomamos novamente os gregos, mais precisamente à figura da Harpia, uma criatura monstruosa metade mulher, metade ave de rapina. A etimologia da palavra harpia vem do grego que se relaciona com o verbo arrebatat.

Na mitologia grega, essas figuras, metade humana metade ave de rapina, eram ávidas por sangue e sexo e caracterizavam-se pela sua agressividade ao raptar uma presa. Neste sentido, parece-nos pertinente dizer que a figura da Harpia da mitologia grega dialoga com a do Gavião do pensamento mítico Pataxó, pois o gavião é concebido como ave de má índole, com um “tipo espiritual ruim, sendo algumas destas o efeito de condutas humanas indesejáveis” (SOUZA, 2015:39).

O Urubu, também uma ave de rapina, distancia-se do Gavião por comer frio, pelo ato da espera, no entanto, aproxima-se dele pela “devoração” que produz a morte, suscitando assim uma reflexão hobbesina de que "o homem é lobo do próprio homem".

Quanto ao espinheiro, é pertinente dizer que o Caburé (o índio), dada sua habilidade e sabedoria consegue sobreviver através dos desafios impostos pela natureza. Já o homem branco, com toda a sua euforia e arrogância, não se relaciona bem com a natureza, não se adaptando a ela.

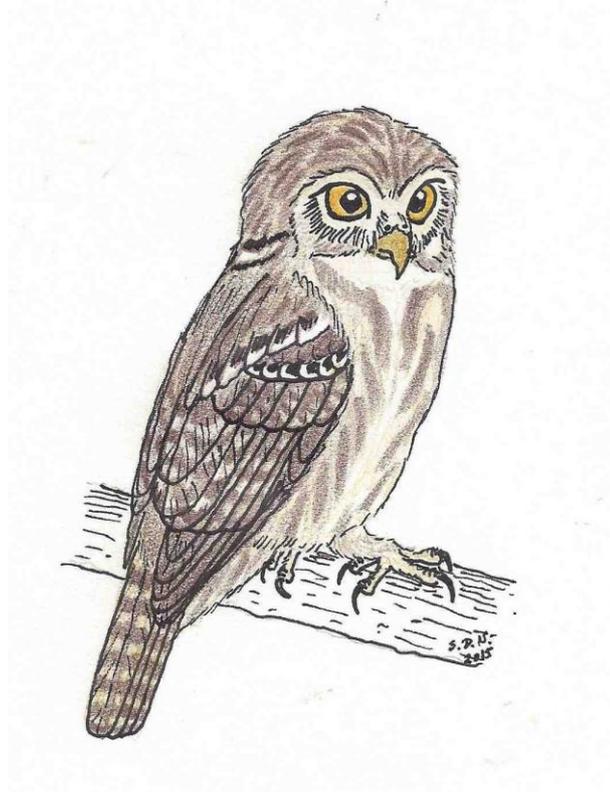
CONCLUSÃO

Dada a importância de compreender um pouco mais sobre o pensamento cosmológico dos índios Pataxó e entender sua relação com o homem branco, fez-se importante está insipiente interpretação do mito do Caburé e do Gavião. Através do estudo feito, entende-se que os Pataxó, à semelhança do Caburé, se vêem como um povo cauteloso e atento com a natureza e as ações do homem branco. A sabedoria de "como se canta" e de "como viver na mata" é perpassada de geração em geração através da tradição e o mito sustenta essa ação e modo de ser dos Pataxó.

Os indígenas apontam ao longo da narrativa o jeito arrogante e sedento do homem branco, fazendo uma analogia à fome voraz das aves de rapina. A relação pouco amistosa entre os indígenas e o homem branco se torna evidente no enredo do mito, demonstrando a atitude agressiva dos estrangeiros nas populações nativas.

Foi possível compreender melhor essas relações através da interpretação do mito. Denota-se a partir dele que comportamentos e ações se tornam mais evidentes através dessa visão cosmológica, por isso não se pode desprezar o pensamento mítico, pois nele há muito a ser revelado, inclusive nossa própria ontologia.

Figura - O Caburé (*Glaucidium brasilianum*)



Fonte: NETO, S. D.¹, 2015

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2014
- GALLOIS, Dominique Tilkin. **Cosmologia – verbete**. Digitalizado, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de Longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- PERRONE-MOISÉIS, Beatriz. “**Mitos ameríndios e o princípio da diferença**”. In. NOVAES, Adauto (Org.). *Oito visões da América Latina*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- SOUZA, Fabiano José Alves de. **Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: descortinando o movimento das puxadas de rama**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2015.

¹Prof. Dr. Santos D'Ângelo Neto do curso de Biologia da Unimontes.